

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Bahia

Class.: 108

Data: 30 de agosto de 1985

Pg.: _____

Ordep Serra

Ministro jóia

Há coisa de dois anos fiz uma declaração a respeito da política indigenista do Estado brasileiro que encontrou grande eco na imprensa, de um modo geral, e melindrou o então ministro da Justiça, Dr. Ibrahim Abi Ackel. Não me recordo do teor exato dessa declaração, mas sei que denunciava o sistemático desrespeito dos direitos humanos dos povos indígenas por parte do governo. Tal desrespeito se patenteava, de resto, na sistemática omissão das autoridades diante de agressões, esbulhos, ataques diversos ao patrimônio e à integridade física dos Índios, incluindo desde a invasão de seus territórios aos frequentes atentados, não raro fatais, contra suas lideranças; ia além, contudo o desrespeito acusado, tinha outras manifestações graves: a castração da Funai, parte de cujas atribuições foram então transferidas aos governos dos estados da Federação (a Funai viria a perder até a capacidade legítima de promover as demarcações de terras indígenas); enfim, a plena desmoralização do corrompido órgão indigenista oficial. (Quanto a este último ponto, creio que é bastante uma lembrança: a das implicações da Funai no escândalo de Tucuruí, que teve como primeiras vítimas os Índios Parkanan, removidos de seu território imemorial para a implantação da hidrelétrica... houve depois várias denúncias de envolvimento direto de elementos da alta cúpula da dita fundação com as mamatas da Capemi).

O governo Figueiredo cometeu, no particular, inúmeros pecados, atos abomináveis... A exemplo do Decreto Lei 88.985, de 10 de novembro de 1983, que abriu todas as terras indígenas à mineração mecanizada, passível de ser concedida às empresas estatais e "excepcionalmente" às empresas particulares. O decreto fere de forma direta o artigo 198 da Constituição brasileira, que reza: "As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo a sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes". A Constituição também foi desrespeitada no episódio da remoção dos Pataxó Há-há-há de suas terras, na Reserva Paraguaçu-Caramuru, de um trecho retomado ao grileiro Jenner Pereira Rocha. De acordo com notícia então divulgada pela Folha de São Paulo, a remoção deveu-se a pressões do Sr. Antônio Carlos Magalhães, na época governador do Estado da Bahia, o qual teria argumentado que se a Funai não a efetuasse descontentaria os grandes fazendeiros da região e provocaria uma derrota do PDS.

Mas para a caracterização do governo Figueiredo nesse aspecto é suficiente a lembrança de algumas figuras que o representaram na presidência da Funai. Citarei o inefável Nobre da Veiga, flagrado por um repórter em plena esbórnia, dançando com uma desocupada numa boite de Paris, quando havia oficialmente declarado estar "em missão, em visita a terras indígenas"; o incrível Otávio Ferreira Lima, que morria de medo de Índios e chamou a polícia de choque para guardar a Funai, a fim de impedir a entrada aí, de líderes indígenas, quando da realização de um seu encontro em Brasília; o famoso Nelson Marabuto, que alcançou a notoriedade

São Paulo, prendeu arbitrariamente o Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel. Nenhum deles tinha qualquer qualificação para o cargo, qualquer formação ou experiência no campo do indigenismo; tinham todos, certamente, prestígio em determinadas áreas... O coronel Nobre da Veiga teve sua excursão parisiense financiada pela Capemi, por exemplo...

Um governo que em matéria de política indigenista apresenta esses triunfos não pode esperar aplausos de quem se preocupa com o problema e preza os direitos humanos. Que estranhe as críticas. É, no mínimo, curioso. Mas, como eu dizia, o Sr. Dr. Ibrahim Abi Ackel melindrou-se com minhas declarações, onde eu denunciava, constatava, o descabido do indigenismo brasileiro. Melindrou-se tanto que saiu a campo para reprovar-me e significar-me sua augusta irritação. Apelou a suas reservas do espírito e saiu-se com uma jóia (no sentido figurado do termo, entenda-se!) disse aos jornais que o presidente da Anai-Ba era um antropólogo bravo que deveria estar sob a curatela de um Índio manso (A curatela, para quem não sabe, se aplica a incapazes, deficientes mentais, doidos por exemplo...).

Quando os jornalistas me perguntaram o que eu achava da boutade de Sua Excelência, respondi-lhes que lamentava apenas o fato de o Brasil ter um tal ministro da Justiça, capaz de exprimir-se desse modo: pois evidentemente ele estava usando para a classificação dos Índios categorias empregadas para a discriminação de bichos. Que sucederia — indaguei — se eu então me dedicasse a distinguir entre ministros bravos e mansos?

Com efeito, o Sr. Dr. Abi Ackel valeu-se de um estereótipo racista cujo emprego evidenciava o seu evidente despreparo, em múltiplos sentidos, para o exercício de seu elevado cargo. Mas quando lamentei sua investidura neste não sabia que poderia ter mais razão ainda... Era já fato notório o desprestígio do ministério em questão desde o momento em que ele se tornou seu titular, e também, já se lastimava suas atitudes de grande inquisidor, tantas vezes prejudiciais a democracia brasileira.

Mas francamente, Dr. Abi Ackel... Que coisa, em? Envolvimento com um Sr. Calvares, um Sr. Zé Perigoso, um Sr. Buzina... Como se explica que um ex-ministro da Justiça aceite representar clientes cujos problemas os confrontam com o interesse público, o patrimônio do Estado? E essas acusações de ocultação de processos, prevaricação, tráfico de influências, todas até agora tão evasivamente aludidas?

Com efeito, o Dr. Abi Ackel ainda enrascado. Sua defesa mais consistente até agora foi acusar Roque Sant'Ana — que nem a viúva Porcina. Está claro que não poderá atribuir "revanchismo" à Justiça americana, empenhada na investigação dessa história...

Vou lhe dizer uma coisa, Dr. Abi Ackel: um antropólogo bravo não é nada mau, em face de certas coisas... "manso" é que ficaria chato, pois uma pessoa na minha profissão, tem de saber indignar-se. E que me seja aplicado um estigma simultaneamente com sua manipulação contra os Índios, de certa maneira até me honra. "Doido" também não desmoraliza, agora contra bandista...

Tem mais, Dr.: "antropólogo bravo"